

11

No dia seguinte à sua chegada a Moscovo, Ida recitou o monólogo de Nina Zarétchnaia perante a comissão formada por Eisenstein, Bárnét, Ráizman e Tarkhánov; admitiram-na na Escola de Cinema «sob tutela colectiva», porque ainda nem sequer tinha dezasseis anos.

— Não sabia mover-me, não sabia respirar correctamente, não sabia fazer mesmo nada — recordava Ida. — Mas levava roupa interior de seda, um luxo impossível, impensável naquela época.

Essa roupa interior tinha-lhe sido oferecida por Potranca, que levava do bordel Corpo do Delito vários fardos de vestidos, meias e robes.

Espectáculos, películas, museus, um curso breve de História do Partido Comunista da Rússia (bolchevique), exercícios físicos, declamação...

As aulas de francês eram leccionadas por um velho magro que chamava às jovens *ma chère cocotte*, do movimento cénico encarregava-se um antigo príncipe homosse-

xual que, numa ocasião, disse que entre os jovens belos não faltavam jovens belas.

Uma vez por semana, os estudantes da Escola de Cinema trabalhavam com a própria Serafina Bírger, a Grande Fina, cujo marido, Kabo, a acompanhava por toda a parte.

Ida admirava aquela grande atriz que tinha desempenhado papéis nos mais famosos filmes de Eisenstein, Kózintsev e Petrov. Essa mulher baixa de voz rouca fumava cigarros de tubo *Troika*, andava de vestido-calças e dizia que nas veias de um verdadeiro artista, quer fosse um escritor, um verdugo ou carpinteiro, deve circular pelo menos uma gota de sangue azul gelado: «O sangue vermelho, quente, sobe à cabeça, inspira ideias e imagens, e por vezes conduz à loucura. O sangue azul, gelado, é a mestria, o domínio, o cálculo, é o que obriga o artista a olhar criticamente para a sua obra, a tirar o que sobra e a juntar o que falta. O sangue azul gelado é o juízo final a que o artista se submete a si mesmo. Não é suficiente aprender a escrever, faz falta aprender a riscar. A inspiração não é nada sem a mestria. Ao fim e ao cabo, é o que outorga ao artista o poder sobre o espectador ou sobre o leitor. É preciso saber onde desferir o golpe no espectador para realmente o ferir, mas não o matar. Mas o sangue azul, o sangue gelado, não é apenas um dom, é também uma maldição... porque *toute maîtrise jette le froid...* toda a mestria congela...»

Ida não queria ser simplesmente uma atriz, ela pretendia ser uma grande atriz. Sonhava encarnar tudo o que habitava a sua alma, embora ainda não se tivesse convertido numa parte orgânica da sua existência. A Bela Adormecida, Hanna e o capitão Kholúpiev, o barco *Hyderabad*, oãmil e oruol, o exemplar do *Materialismo e*

Empiriocriticismo que nunca acabara de ler, os veados e a desgraçada rainha, o pai cruel de nariz mole, a jovem e bela Potranca, o corpo feliz, o sabor imortal do sangue nos seus lábios... Ela tinha vivido todo esse material, mas não o tinha sentido. Não obstante, foi suficiente para protagonizar o filme *Máchenka*¹⁴.

Tive de esperar até aos finais dos anos 90 para ver esse filme em vídeo: depois da guerra, nunca mais foi exibido nos cinemas. Foi filmado por Iuli Ráizman, realizador favorito de Estaline.

Evgueni Gavrilóvitch escreveu um guião sobre uma simples jovem soviética e o seu primeiro amor. Muitos anos depois, Gavrilóvitch contava que a personagem de Maria, chamada carinhosamente Máchenka, nasceu em Odessa, quando o guionista fixou subitamente o seu olhar numa jovem que descia de um eléctrico: «Trazia uma pasta, apertava-a contra o seu longo e pesado sobretudo, calçava umas meias e botas rudes, estava com um ar leve e preocupado, reflectindo em algo com uma seriedade inocente.»

Nem Lubov Orlova, nem Marina Ladínina, com a sua ingenuidade exagerada e artificial, encaixavam no papel da protagonista. Ráizman procurava uma cara nova, queria uma actriz capaz de interpretar uma personagem inocente, simples e sincera. A escolha finalmente recaiu na sua estudante, Ida Zmoiro; segundo Ráizman, apesar de ter falhado nas audições, a dado momento revelou-se nela de repente um talento sensível e incrivelmente sincero.

Nos estúdios Mosfilm, o guião foi completamente arrasado, tachado de falta de actualidade, de «uma evidente tendência para a hipocrisia, para a glorificação de um romance pequeno-burguês e uma visceralidade fútil».

Não obstante, Iuli Ráizman começou a rodagem na Primavera de 1941.

A história de amor entre Máchenka Stepánova e Aliocha, um taxista leviano, é, por si só, extremamente simplista, esquemática, mas os pormenores que recriam a atmosfera da vida quotidiana antes da guerra salvam o filme: uma amiga empresta um laço a Máchenka, quando a protagonista se prepara para o primeiro encontro; os sapatos de verniz pareciam uma prenda de luxo; o simulacro de um ataque com armas químicas obriga as personagens a recorrerem precipitadamente a umas máscaras; conversam sobre Marx, cujas obras o taxista Aliocha tenciona ler...

Começou a guerra e o intimismo de Máchenka deixou de convencer tanto o realizador como o guionista. Iuli Ráizman recordava: «Nos dias mais difíceis, quando as tropas alemãs estavam às portas de Moscovo, trabalhávamos nas cenas do nascimento do amor... Quando estávamos refugiados nas trincheiras no pátio da Mosfilm, esperando aí que terminasse mais um ataque aéreo, a nossa rodagem parecia-nos particularmente absurda.»

Gavrilóvitch e Ráizman aumentaram o guião: enviaram Máchenka e Aliocha para a frente. Na realidade, as cenas bélicas também não agradaram ao realizador — faltava-lhes veracidade, visto que ninguém da equipa de rodagem tinha experiência pessoal de guerra.

Os autores receavam um fracasso, mas o filme foi um êxito colossal, tanto na frente de combate como na retaguarda: em tempo de guerra as pessoas esperavam que depois dela tudo voltasse a ser como era antes. Os episódios da vida em tempos de paz, cheios de pormenores carregados do inocente encanto do precário quotidiano soviético, eram precisamente o ponto forte da película.

Quando partilhei as minhas impressões com Ida, ela apenas encolheu os ombros:

— Esse filme não passa de um episódio da minha biografia — disse. — Duvido que esse episódio se conserve na história do cinema.

As cartas dos soldados chegavam aos sacos: dos hospitais, das trincheiras. Declaravam-lhe o seu amor, reconheciam-na na rua, escreviam o nome da sua personagem na couraça dos tanques e dos aviões. Converteu-se na jovem dos sonhos de milhões de homens. Enviavam-lhe flores feitas de tela de pára-quedas e isqueiros feitos de balas, e, certa vez, o carteiro trouxe-lhe um pedaço de tijolo fundido procedente de Estalinegrado: tudo o que restara da sala de cinema onde os soldados, na véspera do combate, tinham visto o seu filme. Sobreviveram ao ataque apenas cinco soldados do batalhão.

Iuli Ráizman nunca tinha rodado duas vezes com os mesmos actores, mas abriu uma excepção para Ida: convidou-a a participar na sua nova película *O Céu de Moscovo*.

Ida foi para Kuybyshev, onde se reuniu à equipa de rodagem. Passados uns dias, a 11 de Julho de 1943, sofreu um acidente de automóvel.

Os médicos disseram-lhe que nunca iria ter filhos: quando Ida viu o seu rosto ao espelho, compreendeu que também jamais voltaria a actuar no cinema.

Tinha dezanove anos e não a assustava a esterilidade; em contrapartida, a impossibilidade de fazer cinema era, realmente, trágica. Foi sujeita a três intervenções cirúrgicas, mas tudo em vão: a sua cara continuava a parecer um prato partido.

— Antes podia interpretar o papel de esquilo — dizia Ida —, no entanto, depois de todas essas operações, no melhor dos casos poderia fazer o papel de cavalo. A cara ficou mais comprida... A minha voz tornou-se grave... Contudo, o pior era a solidão... Aos dezanove anos isso é quase insuportável...

Ida falava pouco e com pouca vontade sobre esse período da sua vida. Nunca pronunciou em voz alta o nome do homem com quem vivera vários meses depois de sair da clínica. «O amo», assim lhe chamava. Ele era o médico e o amo.

— Ajudou-me — recordava Ida. — Se não fosse ele, ter-me-ia suicidado. Mas tudo corria mal. A minha tristeza era tal que comecei mesmo a coxear um pouco. As minhas pernas estavam bem, mas eu coxeava.

Ela quase não saía de casa. O rosto desfigurado, coxa e, ainda por cima, corcunda. Não podia endireitar as costas, não tinha forças. A corcunda crescia diariamente, coxeava de forma cada vez mais visível e dolorosa. A mancha negra que lhe sujava o corpo provocava comichão e ela rasgava a pele com as unhas até fazer sangue. Os ombros, os braços, as ancas, a barriga. Pelas manhãs não lhe apetecia levantar-se, não se sentia capaz de fazê-lo. Passava horas deitada na cama, a fumar, com o olhar estupidamente fixado num pequeno quadro pendurado na parede oposta. Este representava um estranho animal com corpo de pássaro e cabeça de ratazana. O monstro estava suspenso no ar com as asas abertas e exibia umas garras enormes e uma boca abominável, cheia de dentes afiados.

O bisavô do «amo» tinha sido pintor de ícones, desses que produziam mercadoria barata para as feiras. Além disso, tinha fama de ser bruxo e curandeiro. Estava casado com uma bela mulher que era perseguida por pesade-

los. Todas as noites, era torturada por um pássaro com boca de ratazana e, pelas manhãs, o seu corpo aparecia coberto de chagas sangrentas; estavam por toda a parte: nos ombros, no peito, nas ancas. A mulher encontrava-se perto da loucura. Seguindo as regras da magia negra, o marido fez uma «tábua de abjuração», onde representou a abominável besta, pretendendo assim prendê-la dentro da imagem. A partir daquele dia, a mulher começou a recuperar a saúde. Mas o seu marido perdeu para sempre a capacidade de distinguir as cores, abandonou a pintura e morreu rapidamente de uma misteriosa doença.

Ida reflectia vagamente sobre o homem que tinha sacrificado a sua vida e o seu talento pela mulher amada, e acendia mais um cigarro.

Anoitecia.

O «amo» regressava a casa, falava-lhe da Batalha de Enewetak ou da libertação de Kherson.

Ida fumava.

Na cama, ela apenas respondia às suas carícias; quando o marido se virava de cara para a parede, pensava que ele fazia amor unicamente por compaixão. Corcunda, coxa, com a cara desfigurada, com essa enorme mancha repugnante... Não interessava a ninguém. O «amo» nunca beijava os seus peitos negros. Tinha nojo. Mas os seus peitos eram bonitos. Ida odiava-o. Claro que na sua vida anterior não teria reparado na sua existência. Na sua vida anterior, ela teria sido para ele, um simples médico de província, um sonho inalcançável. Seguramente que, no hospital, entre risotas e piadas, ele se gabava perante os seus amigos invejosos da famosa actriz que compartilhava a sua cama. «Estou farto dela, caros, mas mesmo farto.» Mas, naquela situação, não podia bater com o pé no chão

e apontar-lhe a porta da rua. Ele podia fazer isso, mas ela não. Coxa, corcunda, com uma feia cicatriz no rosto...

Ela sentia piedade de si mesma, odiava o médico, chorava muitas vezes. Não tinha para onde ir. Por nada deste mundo regressaria a Chúdov! Nunca. De maneira alguma. Dependia completamente daquele homem. Às vezes, queria ajoelhar-se perante ele, suplicar-lhe que não a deixasse, e o ódio para com ele era cada vez mais intenso.

Um dia, descobriu que tinha encolhido.

As marcas de lápis na moldura da porta baixavam de dia para dia. Ou seja, rapidamente se transformaria numa anã, uma anã corcunda e coxa com uma terrível cicatriz na cara e com o peito negro, e depois desapareceria completamente.

Então assim seja. Isso era o que a divina providência tinha preparado para ela, Ida Zmoiro.

Quando Fina e Kabo finalmente a encontraram e irromperam no escuro e pestilento quarto, Ida acabara de urinar na cama. Era a primeira vez. Ela queria saber o que se passaria se urinasse na cama, mas não sentiu nada: nem vergonha, nem alegria, nem sequer uma simples satisfação. Desgrenhada e flácida, estava na cama com uma camisa de noite molhada pegada ao corpo, olhando para as suas visitas com um sorriso idiota, vivendo o feliz momento da sua transformação em estúpida carniça.

12

Fina e Kabo transferiram Ida para um hotel, obrigaram-na a tomar um banho quente. No dia seguinte, levaram-na de Kuybyshev para Moscovo; daí, sem passar pelo apartamento deles, dirigiram-se para Zhúkova Gorá: pouco tempo antes, Fina tinha recebido uma *datcha*.

A casa de madeira de dois andares, com janelas e varandas, era espaçosa e acolhedora. Os agentes da Tcheca que tinham detido os proprietários anteriores deixaram alguns utensílios de cozinha e não tocaram nos livros; colocar tapetes foi a solução que Fina inventou para colmatar a escassez de móveis. Havia tapetes por toda a parte: no chão, nas paredes, na sala, no terraço, nos quartos de dormir, nos corredores.

Instalaram Ida num quarto do andar de cima. Tinha uma janela com vista para a margem do rio e para as colinas cobertas de árvores. O quarto cheirava a maçãs secas, absinto e resina de pinheiro.

Estava-se em finais de Março, a neve ainda cobria os campos, as noites eram geladas, mas na casa fazia calor

graças a Grou. Era um soldado ainda não muito velho que tinha perdido os dedos de um pé na frente: era enorme e sinistro, tinha o cabelo negro e encaracolado. Vigia a caldeira, cortava a lenha, limpava os caminhos, ia fazer compras numa carroça, a cavalo. Às vezes sentava-se num banco que ficava no celeiro, cruzando as pernas que cobria com botas de feltro cortadas, e cheirava água-de-colónia. Tirava o frasco do bolso do seu casaco acolchoado de soldado, desenroscava a tampa e cheirava o aroma do perfume.

Ida sentia, frequentemente, o seu olhar sombrio, que a assustava. Mas, quando virava a cabeça, Grou dizia com um sorriso venenoso: «Não tenhas medo, irmãzinha, não mordo.»

— Menté — disse Kabo. — Ele engana-as a todas, vinga-se nelas pelo seu ferimento. Não deixa escapar uma nos arredores, todos os homens estão na frente, por isso faz-se de herói... e nenhuma lhe resiste...

Ida ressuscitava pouco a pouco. Passados uns dias, deixou de coxear e de dobrar as costas. Lia de manhã à noite: Tiútchev, Shakespeare, Ésquilo, Eurípides, Tchékhev. À noite, ela e Kabo jantavam na cozinha. Ida tomava um ou dois cálices de vinho quente.

Fina levou-a várias vezes a Moscovo para ver os novos filmes americanos: *A Irmã do Mordomo*, com Deanna Durbin, e *Meia-Luz*, com Ingrid Bergman.

Quando Fina ia passar alguns dias à casa de campo, não perdia a oportunidade de passear com Ida. As duas vagueavam pelo bosque ou caminhavam pela margem do riacho coberto de gelo cinzento e poroso. Fina falava de Eisenstein e do seu novo filme *Ivan, o Terrível*, bem como dos seus papéis teatrais, interpretava Gertrudes,

Bernarda Alba e Kabanikha¹⁵. Depois do jantar, Kabo lia, à luz de uma lanterna de querosene, as suas traduções de Eugene O'Neill ou de Joyce. Tomavam chá e iam dormir.

Numa ocasião, Ida ouviu como Kabo se queixava dela a Fina:

— Arranja as meias na minha presença! Levantou a saia e puxou para cima as meias como se estivesse sozinha. Imagina!

— Isso passa-lhe — respondeu Fina. — Um dia voltará a sentir-se mulher. Uma mulher desejada e perigosa. Mais tarde ou mais cedo, a vida reclama o que é seu.

No seu quarto, Ida retirou o véu do espelho de três vidros, levantou a saia bem alto e começou a chorar.

Mas, no dia seguinte, foi jantar com um apertado vestido de seda vermelho-ticiano e sapatos de tacão alto.

Fina bufou alegremente, Kabo precipitou-se para o bar, abriu uma garrafa de *Aurora Boreal* e partiu um copo de cristal para chamar a felicidade.

— Quero que conheças Zavadski¹⁶ — disse Fina. — Claro que é senhor do seu nariz, embora na realidade seja uma mistura de Podkhaliuzin e Glumov¹⁷. Mas é um grande realizador de teatro, capaz de criar autênticas maravilhas. Anda a pensar na peça *A Gaivota*, procura caras novas... — Vendo que Ida fazia má cara, corrigiu: — Gente nova. Já lhe falei de ti...

— Zavadski é mulherengo — disse Kabo. — Adora carne fresca.

— E eu já não valho nada? — Ida abanou as ancas. — Ou já me encontraram no lixo?

Kabo desatou a rir, aplaudiu.

— Então estamos de acordo? — Fina levantou o cálice.
— Bem... *Chegará o dia em que todo o mundo saberá porque é que tudo isto aconteceu... Porque é que passámos por tantos sofrimentos, não haverá segredos, mas, por enquanto, é preciso viver... É preciso trabalhar, trabalhar!*

— *Passará o tempo* — continuou Ida — *e nós desapareceremos para sempre. Seremos esquecidas. Esquecerão os nossos rostos, as nossas vozes e quantas éramos; mas os nossos sofrimentos converter-se-ão em alegria para os que viverem depois de nós.*

— *Trarará-tchim-bum... agarrei-me a um poste... Hurra!*
— gritou Kabo alegremente¹⁸.

Na Quinta-feira Santa, de manhã cedo, Fina e Ida foram tomar banho no rio. Kabo, com toalhas e mantas nas mãos, esperava-as na margem atrás dos arbustos. Fina despiu-se completamente, Ida vacilou um instante (sentia-se envergonhada pela mancha negra), mas seguiu o seu exemplo. Fina afastou um pequeno pedaço de gelo com o pé, benzeu-se e atirou-se para a água. Ida piscou os olhos, dobrou os joelhos e mergulhou de cabeça. Alguns instantes depois, as duas já estavam na margem, os corpos a emanar vapor. De súbito, Fina abraçou Ida com força, deu-lhe um beijo na boca e disse:

— Não tenhas medo. Não tenhas medo de nada.

Kabo gritou por detrás dos arbustos:

— Ei, Graças! Eu tenho conhaque!

Beberam um gole do cantil, cobriram-se de qualquer maneira com as mantas e, dando gritinhos, correram para casa com os pés descalços sobre o barro congelado.

Serafina Bírger adorava a Páscoa. Raras vezes ia à igreja, excepto na Semana Santa, quando ia todos os dias.

«A nossa arte, de facto, tem origem nas festas em honra de um deus que morre e ressuscita», dizia ela. «É uma arte da Páscoa.» Certa vez, afirmou: «Nós, os russos, aparentamos estar com o Cristo vitorioso, o Ressuscitado, mas apenas aparentamos. Na realidade, estamos sempre com o Crucificado.» Os seus antepassados eram luteranos, chegaram à Rússia na época de Catarina II e converteram-se à Ortodoxia. Eram militares e funcionários, um deles trabalhou num hospital para pobres, outro foi arquiandrita de uma comunidade na Sibéria, outro foi mais longe: aproximou-se dos velhos-crentes cismáticos e passou a viver numa aldeia na remota região do Volga. Fina considerava-se russa tanto pelo sangue como pela fé.

No sábado à noite, Fina e Kabo foram à igreja de Kandaúrov assistir à missa de Páscoa. Ida, sozinha em casa, deambulava, vestida de roupão, como uma alma penada. Há já vários dias que a atormentavam ataques de ansiedade. Pensava em Zavadski, em *A Gaiivota*, abria a obra de Tchékhov mas não conseguia lê-la, rompia em pranto. Assustava-a o coxear. E se voltasse quando estivesse no palco? Parecia-lhe ouvir os risos da sala que, gradualmente, se transformavam em gargalhadas, e então deixava-se cair na cama e escondia a cabeça debaixo da almofada, dando pontapés e gemendo. De súbito, levantava-se de um salto, vestia-se de qualquer maneira e corria para o bosque. Ou sentava-se no pátio a observar Grou, que partia lenha em tronco nu.

O cheiro do seu corpo, uma mistura de vodca e alho, subia-lhe à cabeça. Com as pernas abertas, Grou levantava o machado e Ida estremecia sempre que o aço batia na madeira gelada. Os troncos rebentavam: um som metálico

misturava-se com o forte rangido da lenha. Ela piscava os olhos e encolhia-se, tremendo dos pés à cabeça, e, apertando fortemente os músculos, recuperava rapidamente o alento, mas sentia fraqueza em todo o corpo, com um cansaço tão grande como se tivesse sido ela, e não Grou, a partir toda a lenha de bétula.

O candeeiro de mesa dava pouca luz e, depois, começou a apagar-se. Precisava de mais querosene e Ida foi buscá-la à casa de Grou.

Este vivia numa pequena dependência ligada à casa e humildemente mobilada: uma estreita cama de ferro encostada à parede, uma mesa com uma toalha de plástico e um retrato de Lev Tolstói na parede.

Grou esfregava o chão. Estava de joelhos (Ida viu pela primeira vez o seu coto nu) e raspava as tábuas com uma faca. O quarto cheirava a vodca, alho e sabão de lavar roupa.

— Senta-te! — ordenou Grou. — Queres beber?

Ida encolheu os ombros.

Grou secou as mãos na camisa, deitou vodca nos copos e aproximou de Ida um prato de maçãs marinadas.

Beberam.

— Pois bem, irmãzinha... — Pousou a sua mão pesada no joelho dela. — Sentes-te aborrecida sozinha e sem querosene?

Ida tentou afastar-se, perdeu o equilíbrio e caiu do banco. Grou impediu-a de se levantar, inclinou-se sobre ela, meteu a mão debaixo do roupão (Ida não levava nada), sarcástico, sorriu, como se tivesse compreendido a jogada, esmagou-a com o seu peso, soprou no rosto dela o cheiro fétido a alho. Ida fechou os olhos, tentou repeli-lo, mas ele era como um muro de pedra, ela respirou

com dificuldade, levantou as pernas, cruzou-as sobre as costas de Grou, agarrou-se aos seus ombros, sacudiu o seu corpo com um puxão, arregalou os olhos, mordeu a língua, apertou as pernas sobre o lombo daquele monstro, aspirou profundamente o repugnante fedor a alho e de súbito gritou, uivou a plenos pulmões sacudindo a cabeça...

Quando Fina e Kabo voltaram da igreja, Ida já dormia. Tinha-se lavado dos pés à cabeça com água fria e sabão, meteu-se debaixo do edredão e adormeceu imediatamente. Pela manhã, olhando Fina olhos nos olhos, exigiu que despedissem Grou. Já, agora mesmo, nesse mesmo instante. Fina olhou atentamente para ela e abanou a cabeça. Quando Grou desapareceu para lá da porta com um saco às costas, Ida suspirou, aliviada, e declarou:

— A partir de agora jamais coxeari. Vou actuar e não vou coxear.

Fina e Kabo trocaram olhares, mas não fizeram perguntas.

Alguns dias mais tarde, Fina apresentou-a a Zavadski. Depois de uma conversa que durou três horas, a decisão estava tomada: Ida interpretaria Nina Zarétchnaia.

Faltavam cinco meses para o início dos ensaios programados para finais de Setembro. Ida começou a trabalhar em *A Gaiivota*. Kabo dava-lhe uma ajuda: fazia de Trigorin, de Tréplev, de Dorn e até de Arkádina.

Kabo tinha alguma experiência como realizador de teatro, modesta, mas suficiente: trabalhara com Táirov, Vakhtángov e até um pouco com Stanislavski.

Ida procurava o tom, Kabo dirigia a encenação e vigiava para que ela não se esquecesse dos outros actores.

— Os braços! — gritava ele freneticamente. — O que te ensinaram nessa maldita escola de cinema? Trigorin beija o medalhão e tu estás com os braços pendurados!

Os teus braços devem actuar, e não ficar pendurados! Os braços amam, os braços riem-se, os braços choram, os braços ficam perplexos, mas nunca devem estar pendurados. Ida, nunca pendurados! Quando entra Arkádina, tens de perder importância, um pouco... Dá meio passo para trás e para o lado, ficas um tanto mais discreta, mas não desapareces de todo! Ficar mais discreta não significa que te escondas nas sombras, significa que actuas a partir da penumbra. Ida! Há pessoas atrás, à tua direita, à tua esquerda, as pessoas estão em toda a parte. O corpo humano comporta-se de forma diferente se ao seu lado estão três pessoas em vez de uma só! Reage de maneira distinta em frente dos amigos e dos inimigos, em frente dos parentes e dos estranhos! O corpo, não o traseiro! Os braços, os braços, Ida! Não agites os braços! E a tua cara! Um movimento da sobrancelha pode por vezes ser suficiente para derrubar Tróia!

— Kabo, tenho fome!

— Aguenta! Ontem pedi-te que reflectisses sobre o tom final do segundo acto. Nina e Trigorin contemplam o lago... De súbito, Trigorin descobriu a gaivota dissecada... Trigorin improvisa o argumento de um curto conto, a história de uma jovem que adora o lago tanto como a gaivota, é feliz como uma gaivota. Acidentalmente, no seu caminho aparece um homem, vê-a e, por nada mais ter que fazer, destrói-a, como à gaivota... Depois Arkádina chama-o e Nina fica sozinha. Ela aproxima-se da ribalta e diz: «Um sonho!» Um sonho, Ida!

Ida deu um passo em frente, levantou a mão, tocou uma orelha com o dedo e disse com tristeza:

— Um sonho!

— Bem... Estás mais perto...

— Um sonho.

— Quase...

— Um sonho... Não sei... Kabo, estou cansada! Tenho fome! Quero um pedaço de queijo! Uma chávena de chá com açúcar!

— Ida... — Kabo erguia as mãos desesperado. — Isto não é cinema! No teatro não podes repetir uma cena! No cinema balanceias em cima de uma corda pousada no chão, no teatro a mesma corda está esticada por cima de um abismo!

Fina observava aquele calvário sem dizer nada.

Depois do jantar, desciam para o jardim abandonado com uma garrafa de vinho e instalavam-se ao redor de uma mesinha rachada. Fina pegava num maço de cigarros.

— Será o número trinta e seis — apontava Kabo com um suspiro, entornando o vinho nos copos.

Fina acendia o trigésimo sexto cigarro.

— No nosso teatro, de Tchékhov não resta mais do que uma melancolia nacional e o seu pincenê — começava Fina. — Na realidade, ele era atrabiliário, sarcástico, impiedoso, cruel. O seu teatro é o teatro da crueldade. Ele já não podia dar-se ao luxo de acreditar que a beleza salvaria o mundo... Não dava lições como Dostoiévski ou Tolstói, ele era médico, um forense sincero... Não tinha piedade de ninguém; mas compreendia tudo e todos... Ele nem sequer sentiu pena de si uma só vez... — Fina, de súbito, muda o rumo à conversa. — Zavadski certamente irá procurar em *A Gaivota* uma linha pedagógica, as personagens positivas e negativas e, claro está, encontrará tudo isso, mas, apesar de tudo, é um verdadeiro encenador e não assassinará Tchékhov... Talvez o mutile um pouco, mas não o matará...

13

Ida pensava a contragosto na estreia de *A Gaivota*. Entre o público estiveram Estaline e Béria. Aquela encenação foi o triunfo de uma só actriz: Ida Zmoiro no papel de Nina Zarétchnaia. Anos depois, Iúri Zavadski, ao falar desse espectáculo, considerou Ida «a nova Komissarjevskaia»¹⁹ e acrescentou que sonhava trabalhar com ela nas obras de Ibsen.

— Sim, foi um êxito — dizia Ida. — Foi então que Béria me ofereceu uma pena de gaivota. Admirador! Mas depois da segunda representação fui afastada. Discuti com Zavadski, coisa que ele não tolerava... No teatro ele era um rei, um deus e comandante militar... Além disso, era um déspota, um senhor e um déspota... Disse-lhe tudo o que pensava da encenação e dos actores que me incomodavam no palco... Não havia nem mestria, nem inspiração... Eram soldados da arte, inexpressivos e ignorantes... Evidentemente que me devia ter calado. Ao fim e ao cabo, não fica bem quando um actor prega sermões ao encenador sobre o que fazer e como... Mas estava embriagada pelo êxito... Desejava tanto que aquele